

## TEXTO RESUMO DA PROPOSTA

“Coração de sambista brasileiro  
Quando bate no pulmão  
Faz a batida do pandeiro”

Ivan Lins – Coração

O espaço estreito, comprimido, envolvido e confinado das áreas centrais das grandes cidades.

Seria ele consequência de um parcelamento exíguo do núcleo urbano original?

Seria ele consequência do alto valor do solo da principal centralidade urbana do país?

Seria ele consequência de cidades que cresceram rapidamente sendo transformadas em mercadoria não descartável?

A nova sede do CAU/SP, assim como tantos outros edifícios subutilizados das cidades brasileiras é resultado das causas acima listadas, além de tantas outras. Adequar o esforço de nossa sociedade em construir edifício e cidades às necessidades contemporâneas já se transformou em grande parte da quantidade de trabalho do arquiteto e urbanista. O CAU/SP será o espaço central da arquitetura do Estado que possui o maior número de arquitetos brasileiros. Provavelmente o espaço em que mais se respirará arquitetura e urbanismo no País.

A proposta apresentada reconhece este protagonismo e transforma o espaço confinado através da busca do estabelecimento de uma nova percepção a partir do usuário da edificação. A clara percepção do contraste da fachada histórica com a segunda pele que conta a história da arquitetura a partir de painéis de LED. A percepção espacial do pé-direito triplo do espaço público da edificação, um legítimo logradouro público de rua estreita, com trabalho, cultura, sombra e água fresca. A demarcação clara e inequívoca do caminho a seguir, (legibilidade segundo Kevin Lynch), quando suas partes podem ser facilmente reconhecidas e organizadas em um modelo coerente. Uma linha em uma barra, tão simples e com tamanha eficiência, que gera uma imagem bem definida para gerar símbolos, segurança, mas também gera experiências sensoriais de espiar a rua, o tempo, o caminhar. A face frontal da edificação com seus espaços principais – memória, praça, coworking, plenário, presidência, trabalho e lazer.

Uma nova estrutura que traz identidade, que reconhece seu momento histórico e se permite a partir dessa estrutura adaptações a qualquer tempo e por qualquer motivo sem perder sua essência. Isso é identidade.

Ainda Lynch, quando aborda o conceito imaginabilidade, afirma: “... a característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado (...) em que os objetos não são apenas passíveis de serem vistos, mas também nítida e intensamente presente aos sentidos”.

Assim tentou-se, confinados em uma caixa envoltória um “coração” que não para e um “pulmão” que eventualmente deixa o observador sem ar.